

DECLARAÇÃO LINGÜÍSTICA

Geraldo Mattos

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A declaração é um universal lingüístico, porque responde às duas maneiras únicas de resposta ao comando emissivo, em que cabe ao receptor concordar ou discordar, agindo em decorrência. Neste artigo, analisa-se o conceito de declaração, estudam-se os declarativos de língua portuguesa, excluem-se algumas palavras que poderiam ser interpretadas como declarativos num exame menos acurado e assinalam-se os níveis em que podem aparecer declarativos em língua portuguesa, ressaltados os empregos estilísticos, também examinados.

A classe dos declarativos deve ser considerada um dos mais importantes universais lingüísticos, porque responde essencialmente ao objetivo da linguagem, que consiste em transpor de um a outro comunicante a gramática de imagens, mediante a qual se interpretam os dados de um acontecimento, para provocar a interferência do outro.¹

Atividade mínima de qualquer dos comunicantes, o período é articulado do morfema à sentença sempre da mesma maneira: existe um elemento original, essencial sob o critério de significante e de significado, a que se acrescentam outros elementos, acidentais sob o mesmo critério de significante e significado, para gerarem juntos, essencial e acidentais, um novo elemento de nível imediatamente superior.²

1. BIERWISCH sugere uma estrutura do pensamento que é transformada em cadeia acústica por alguma estratégia do emissor. (*Modern linguistics*. The Hague, Mouton, 1971. p. 64).
2. O engano de MILLER e ERVIN (The development of grammar in child language. In: BAR-ADON, A. & LEOPOLD, W.F., ed. *Child language; a book of readings*. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1971. p. 322-39), bem assinalado por CHOMSKY (Formal discussion of Miller and Ervin's 'The development of grammar in child language. In: BAR-ADON & LEOPOLD, p. 340-3) consiste em terem partido da gramática do codificador, querendo explicar cadeias acústicas que constituem atividades reprodutivas e desobedecem por isso ao processo essencial da linguagem, dado que essas cadeias acústicas representam regularidades que dependem de processos posteriores ao coesivo, quando há de ser possível à criança empregá-las numa atividade lingüística produtiva. (MATTOS, G. & BACK, E. *Prática de ensino da língua portuguesa*. São Paulo, FTD, 1974. p. 41-61).

O conjunto de morfemas gera o vocábulo, partindo de um morfema essencial (E) a que se acrescenta sucessivamente sempre novo acidental (A):

cor a va — corava.
A E A

O conjunto de vocábulo gera a locução:

não corava
A E

Ou ainda:

aquela moça
A E

O conjunto de locuções gera uma sentença:

Aquela moça não corava
A E

Ou ainda:

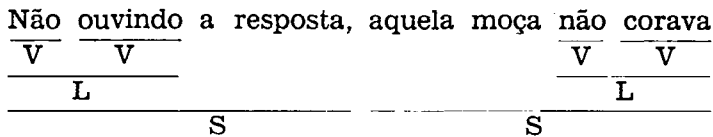
Não ouvindo a resposta
E A

O conjunto de sentenças gera o período:

Não ouvindo a resposta, aquela moça não corava
A E

O elemento acidental depende do essencial e pode ser obrigatório ou facultativo, mas é possível ao elemento essencial cumprir isolado o conjunto, impondo que o comunicante gere o conjunto partindo do elemento essencial e, posteriormente, agregando a ele cada um dos elementos acidentais:³

3 Escolhido o verbo, os complementos ficam sujeitos à primeira escolha. (DUPRAZ, M. & ROUAULT, J. Lexis — affirmation — négation: étude fondée sur les classes. In: KIFFER, P., ed. *Studies in syntax and semantics*. Dordrecht, D. Reidel, 1969, p. 95). Entretanto, se faltar algum critério (o nosso molde semiótico, (BACK, E. & MATTOS, G. *Gramática construtural da língua portuguesa*, São Paulo, FTD, 1972, p. 551-90) por exemplo) para essa escolha, cada verbo é uma particularidade e nada se pode generalizar. Além disso, o fundamento final da decisão compete ao contexto natural, a que importa assegurar-nos a aplicabilidade do signo gerado.

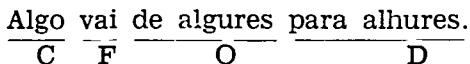


Com isso, devemos concluir que o vocábulo declarativo pertence à sentença, nunca ao período, embora reflita no período o significado da declaração, impondo-lhe uma das maneiras de declaração. Assim, o período é meramente assertivo, enquanto a sentença pode ser positiva (com a presença do declarativo **sim**, ou sua variante vazia) ou negativa (com a presença do segundo declarativo).⁴

Se já sabemos agora o que é a classe da declaração, ainda desconhecemos o que possa significar.

É universal lingüístico o fato de que o significado articulado se molde pela forma de um trajeto, em que uma carga abandona uma origem e busca um destino, havendo sempre um signo específico para denotar cada um dos possíveis trajetos.⁵

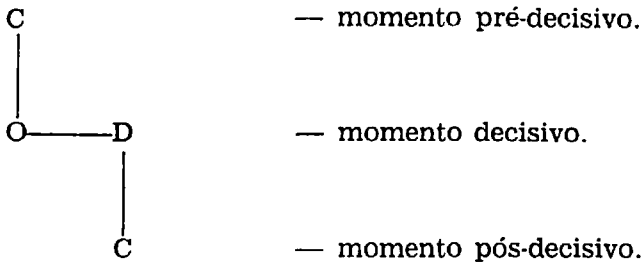
Esse signo específico, denotador de trajeto e existente em todas as línguas, é um elemento original e tem a característica de ser o menos dependente de todos: em língua portuguesa é o morfema verbal, a que crescem elementos acidentais para constituírem junto com ele o fato (F), que nos revela que uma carga (C) se desloca de uma origem (O) em busca de um destino (D). Consideremos esta sentença:



Esta sentença significa que eu tive algo algures e terei algo alhures: o trajeto se executa desmanchando um conjunto (algo algures) e compondo um novo conjunto (algo alhures). Podemos visualizá-lo num esquema:

4 Ao propor uma única maneira de julgamento tanto para a afirmativa, quanto para a negativa, FREGE (1918-19) separa a potência declarativa da assertiva (FREGE, G. La negación, una investigación lógica. In: _____, *Escritos lógico-semánticos*. Madrid, Tecnos, 1974, p. 170). Entretanto, devemos tratar a negação do ponto de vista de linguagem, nunca de lógica, ou as teorias se tornam tão complexas (GUIMARAES, E.R.J. Algumas considerações sobre a negação. In: _____, *Sobre a linguagem*. Uberaba, Inst. Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1977, p. 25-32), que o falante medíocre ficaria impedido de empregá-la. Para isso, basta dar-se conta de que o negativo é apenas um dos ocupantes declarativos e precisa ser examinado sob o critério da classe binária de que participa e sob o critério do verbo a que se prende, que pode ser lingüístico ou metalingüístico, e de que pode advir com isso significado diverso.

5 Consideramos universais apenas os fatos que podemos deduzir da linguagem, nunca das línguas. Apesar de tudo, continuam os universais lingüísticos advindos de processo indutivo: "Minimally, all human languages contain the nominative-predicative relationship" (GRIMSHAW, A.D. Sociolinguistics. In: FISHMAN, J.A., ed. *Advances in the sociology of language*. The Hague, Mouton, 1971, p. 100). Onde ficam as línguas de caso ergativo?



No momento pré-decisivo, existe ainda uma conjunção das instâncias de origem e carga, enquanto nos aparece a conjunção das instâncias de carga e destino no momento pós-decisivo. O momento decisivo equivale ao deslocamento da carga da origem para o destino.

Daremos um nome diferente ao conjunto de idéias que podemos obter em cada um desses momentos:

a) Antecedente é o conjunto de idéias obtidas durante o momento pré-decisivo, associando o contexto verbal a um contexto natural em que possa ocorrer o signo com a maior naturalidade.

b) Trajeto é o conjunto de idéias obtidas pelo mesmo processo durante o momento decisivo.

c) Conseqüente é o conjunto de idéias obtidas ainda por igual processo durante o momento pós-decisivo.

O significado de uma sentença abarca as idéias obtidas durante esses momentos todos, equivalendo a uma soma desses elementos.⁶

A sentença positiva denota que o trajeto se cumpre pela ruptura da conjunção pré-decisiva e pelo aparecimento da conjunção pós-decisiva:

O menino vai do quarto para a sala.
C
F
O
D

Os momentos são nítidos:⁷

a) Momento pré-decisivo:
O menino encontra-se no quarto.

b) Momento decisivo:
O menino encontra-se entre o quarto e a sala.

6 Também HOCKETT assinala a grande importância dos antecedentes e dos conseqüentes, que entende como circunstâncias do ato de fala (HOCKETT, C.F. *A course in modern linguistics*, 12.ed. Toronto, Macmillan, 1957, p. 140).

7 Antecedentes e conseqüentes de um trajeto semântico foram assinalados por GIVÓN sob um ponto de vista de tempo. (GIVÓN, T. Notes on the semantic structure of English adjectives. *Language*, 46(4):890-925).

- c) Momento pós-decisivo:
O menino encontra-se na sala.

A sentença negativa denota apenas que o trajeto deixa de cumprir-se nos termos em que é descrito pela positiva. Enquanto a positiva indica sempre que o conseqüente da sentença é uma conjunção de carga e destino, apenas a negativa mais singela indica que o conseqüente é ainda a conjunção da origem e da carga, retendo o trajeto no momento pré-decisivo:

O menino não vai do quarto para a sala.
C V O D

A conjunção do antecedente nem chega a desmanchar-se:

- a) Momento pré-decisivo:
O menino está no quarto.
- b) Momento decisivo:
O menino ainda está no quarto.
- c) Momento pós-decisivo:
O menino continua no quarto.

Ou seja: enquanto a positiva leva o teor da sentença para o conseqüente e desfaz a conjunção de origem, a negativa reconduz o teor da sentença para o antecedente e mantém a conjunção de origem, sem a conjunção de destino.

Com isso obtemos o significado específico da declaração:

- a) O positivo aproxima-se do destino.
- b) O negativo aproxima-se da origem.

A língua portuguesa conhece morfemas e vocábulos declarativos. O morfema declarativo pertence ao nível do vocábulo e transmite o seu teor para o nível da locução, enquanto o vocábulo declarativo pertence ao nível de locução e desempenha o seu teor em nível de sentença. Entretanto, apenas o vocábulo declarativo tem emprego sistemático.

O morfema declarativo denota a orientação do trajeto:

- a) positivo: da origem para o destino.
- b) negativo: do destino para a origem, considerados os limites do trajeto de sentido (rumo) positivo.

Comparemos:

$\frac{\phi \text{ fazer}}{P}$ — levar de inexistente a existente.

$\frac{\text{des fazer}}{N}$ — levar de existente a inexistente.

O morfema declarativo tem o seu alcance limitado à locução e, por isso, a declaração de vocábulo difere da declaração de locução, bastando-nos comparar:

Ele não $\frac{\phi \text{ fez}}{P \ E}$ o embrulho.
 $\frac{N}{E}$

Ele ϕ - $\frac{\text{des fez}}{N \ E}$ o embrulho.
 $\frac{P}{E}$

Ou seja: o negativo do positivo de um morfema jamais equivale ao positivo do negativo do mesmo morfema.

É possível, para efeitos estilísticos, negar uma série de vocábulos, mas o processo é algo complicado:

Eram galhos não muito grossos.
 $\frac{V \quad V}{L}$
 $\frac{V \quad V}{L}$

Iludiram a não poucos homens.
 $\frac{V \quad V}{L}$
 $\frac{V \quad V}{L}$

Em qualquer desses casos, um conjunto de vocábulos gera uma locução, mas aparece numa posição própria de vocábulos: trata-se de uma locução que transformamos obrigatoriamente em vocábulo mediante um processo subordinativo.

Por serem vocábulos, ainda que obtidos por um processo específico (subordinativo), a declaração existe a nível de vocábulo e manifesta o seu teor a nível de locução, implicando a equivalência de cada par de locuções:

A primeira locução de cada sentença, ocupante da função de sujeito, é negada numa e afirmada noutra sentença. Ressalvado o efeito estilístico, ambas têm o mesmo significado."

Resta-nos ainda falar sobre o vocábulo **nem**, que parece um negativo de locução:

Nem os amigos vieram.

$$\begin{array}{c} \overline{V} \quad \overline{V} \\ \hline \overline{N} \quad \overline{L} \end{array}$$

— negativo diante de locução.

A língua portuguesa tem uma classe de vocábulos extensivos, que denotam inclusão ou exclusão. Entre eles há dois curiosos, ambos inclusivos:

ϕ vieram até os amigos.

$$\begin{array}{c} \overline{P} \quad \overline{V} \\ \hline \quad \overline{I} \quad \overline{L} \end{array}$$

— positivo diante de vocábulo (verbal).

— inclusivo diante de locução.

Não vieram nem os amigos.

$$\begin{array}{c} \overline{N} \quad \overline{V} \\ \hline \quad \overline{I} \quad \overline{L} \end{array}$$

— negativo diante de vocábulo (verbal).

— inclusivo diante de locução.

O vocábulo inclusivo de língua portuguesa tem duas variantes condicionadas ao vocábulo declarativo: a variante

9 Creio que também o quantificador deva ser analisado conforme suas ocorrências com base na possibilidade comutativa que nos ofereça. A estas conclusões chegou JACKENDOFF, comentando alguns aspectos dos quantificadores e negativos: "The theory that quantifiers are verbs of higher sentences in deep structure is examined critically. It is shown that this theory leads to loss of generality on several points, and that the syntactic arguments supporting it are inconclusive". (JACKENDOFF, R.S. On some questionable arguments about quantifiers and negation. *Language*, 47 (2):282-97, 1971). CHOMSKY analisa a proposta de Jackendoff e conclui, depois de incluir outros exemplos: "Ara'n. the interplay of negation and modal seems a natural candidate for a principle of surface structure interpretation." (CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure. In: _____, *Studies on semantics in generative grammar*. The Hague, Mouton, 1972, p. 108). Ora, a estrutura superficial é mais ou menos equivalente à gramática do momento acústico (G4) (MATTOS, G. *Modèle sequentiel du comportement linguistique*. *Acta Semiotica et Linguistica*, 1(1):111-37) e de maneira nenhuma deveria concorrer para o significado. A dificuldade dos transformacionistas provém de que confundem os níveis de ocorrência dos declarativos e, com isso, também o momento em que cada um deles é gerado, além de desconhecem que o declarativo abrange complexos ao longo do mesmo nível, implicando que, no caso da sentença negativa, ocorra apenas um complexo negativo ao lado de outros, sempre positivos. Mais que isso, levados pela ordem mais rigorosa dos elementos da sentença inglesa, cuidam que apenas o sujeito superficial lhes possa oferecer problemas de mudança de significado na dependência de deslocamento: "According to this principle, sentence negation will differ in meaning from verb phrase negation in case the surface subject contains a quantifier, (...)." (CHOMSKY, p. 106). Entretanto, qualquer elemento transposto da direita para a esquerda da negativa (mais precisamente, do declarativo, porque o mesmo sucede com a positiva), ou da esquerda para a direita, acarreta significado diverso, dado que o declarativo jamais alcança o elemento à sua esquerda, qualquer que ele seja.

até, condicionada ao positivo, e a variante **nem**, condicionada ao negativo, ambas variantes do significante.¹⁰

Depois de um vocábulo negativo pode aparecer ou faltar a variante negativa do inclusivo:

Não vieram **nem** os amigos.

Não vieram os amigos.

Nesse caso, se pode aparecer ou faltar, a presença da variante negativa tem significado independente.

Ao contrário, depois da variante negativa do inclusivo deve aparecer necessariamente o vocábulo negativo que a condiciona. Neste caso, por dever aparecer necessariamente, o vocábulo negativo tem um significado dependente, já revelado suficientemente pela presença anterior da variante negativa do inclusivo, e, no dialeto culto que consideramos, torna-se obrigatória uma variante vazia do significante cujo significado se tornou dependente. Por isso, temos a dupla aparentemente diversas:

Nem os amigos $\frac{\phi}{N}$ vieram. $\frac{V}{V}$

$\frac{I}{I}$ $\frac{L}{L}$

Não vieram $\frac{N}{N}$ $\frac{V}{V}$ nem os amigos.

$\frac{I}{I}$ $\frac{L}{L}$

O vocábulo **todos** tem um regime especial de emprego, porque sempre aparece em posição de locução mediante um processo promotivo, que o transforma de vocábulo em locução: como locução, admite o inclusivo específico de locução.

O vocábulo inclusivo é especialmente freqüente diante de cardinais (**todos** é também cardinal):

Não veio **nem** uma pessoa.

Não vieram **nem** vinte pessoas.

A maior ocorrência do cardinal **um** com esse inclusivo permitiu uma evolução mediante o processo subordinativo, aparecendo-nos o vocábulo **nenhum**:

¹⁰ Compreendemos assim que esses vocábulos inclusivos constituem variantes de um signo invariante único e ficam condicionados ao declarativo constante na sentença. Por isso, subordinar o tipo de negativa ao possível acréscimo (KLIMA, p. 285) adianta pouco, ou nada, desde que o emprego de qualquer dos acréscimos depende do conhecimento prévio da negativa, exatamente o que se pretendia demonstrar.

Nem um amigo.
 I L

Nem um amigo. — nenhum amigo.
 V V V

Comprova-se a existência do vocábulo pela possibilidade da pronúncia diversa: havendo apenas um vocábulo, mediante o processo subordinativo, a vogal alta da sílaba final intensiva condiciona uma variante também alta e átona da primeira vogal, aparecendo-nos a variante vocabular **ninhum**.

Pode ainda parecer-nos que existe uma declaração de locução quando dizemos, por exemplo:

Convidamos os parentes, não os amigos.

Na realidade, esse tipo de negativo aparece novamente na sentença:

Convidamos	os	parentes,	não	os	amigos.
V	V	V	V	V	V
L		L	L	L	L
	S		S	S	
	P			P	

A existência de duas sentenças no segundo período se comprova pela possibilidade de outra ordem, dado que as sentenças têm um ordenamento muito mais livre que as locuções:

Os amigos, não.
 S S
 P

Por isso mesmo, a melhor escrita seria:

Convidamos os parentes; não, os amigos.

Assim, fica comprovado que a declaração existe em dois níveis da língua portuguesa:

a) a nível de vocábulo, interferindo no significado da locução.

b) a nível de locução, interferindo no significado da sentença.¹¹

11 KLIMA reconhece o caráter distinto de cada um desses negativos: "This analysis amounts to saying that while the negative elements in sentence negation and constituent negation are the same, the relationships between the negative element and the sentence in which it occurs in constituent negation, on the one hand, and in sentence negation, on the other, are grammatically independent of one another." (KLIMA, p. 309). A dificuldade é que o transformacionalista os gera simultaneamente.

RÉSUMÉ

La déclaration est un des universaux linguistiques parce qu'elle réunit les deux seules manières de répondre à une communication, soumise à l'accord au désaccord du récepteur, qui agira en conséquence.

Cet article porte sur l'analyse du concept de ce qu'on appelle les "déclaratifs" de langue portugaise, en excluant quelques mots qu'un examen moins attentif pourrait faire considérer comme des déclaratifs; enfin, les niveaux de langue où les déclaratifs peuvent apparaître, aussi bien que certains emplois stylistiques qui peuvent en être faits.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo, FTD, 1972.
- 2 BAR-ADON, Aaron & LEOPOLD, Werner F. *Child language; a book of readings*. Englewood-Cliffs, Prentice Hall, 1971.
- 3 BIERWISCH, Manfred. *Modern linguistics*. The Hague, Mouton, 1971.
- 4 CHOMSKY, Noam. *Studies on semantics in generative grammar*. The Hague, Mouton, 1972.
- 5 FISHMAN, Joshua A., ed. *Advances in the sociology of language*. The Hague, Mouton, 1971.
- 6 FREGE, Gottlob. *Escritos lógico-semánticos*. Madrid, Tecnos, 1974.
- 7 FODOR, Jerry A. & KATZ, Jerrold J., ed. *The structure of language*. Englewood-Cliffs, Prentice Hall, 1964.
- 8 GIVÓN, Talmy. Notes on semantic structure of English adjectives. *Language*, 46(4):816-37, 1970.
- 9 GUIMARAES, Eduardo Roberto Junqueira. *Sobre a linguagem*. Uberaba, Inst. de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1977.
- 10 HOCKETT, Charles F. *A course in modern linguistics*. 12. ed. Toronto, Macmillan, 1967.
- 11 JACKENDOFF, Ray S. On some questionable arguments about quantifiers and negation. *Language*, 47(2):282-97, 1971.
- 12 KIEFER, F., ed. *Studies in syntax and semantics*. Dordrecht, D. Reidel, 1969.
- 13 MATTOS, Geraldo. Modèle sequentiel du comportement linguistique. *Acta Semiotica et Linguistica*, 1(1):111-37, 1977.
- 14 ——— & BACK, Eurico. *Prática de ensino de língua portuguesa*. São Paulo, FTD, 1974.